

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA

EM *MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO*, DE FERRÉZ

Lanna Caroline Silva de Almeida (Mestre em Letras pela UFPI)

RESUMO

As vozes dos marginalizados são ouvidas com incômodo, pois mostram a realidade rejeitada pela sociedade letrada. Os excluídos deixam o campo da representação e do silêncio, passando a ter voz na narrativa literária. Voz esta que, antes suprimida, passa a acessar a fala por meio do discurso literário. Com isso, percebe-se que o autor marginal é uma testemunha das experiências transportadas para o texto, um espectador da árdua sobrevivência nas periferias das grandes cidades. Este trabalho tem o objetivo de analisar a violência social representada na obra *Manual prático do ódio*, de Ferréz. Para atingir o objetivo proposto, a presente pesquisa toma como pressupostos teóricos Dalcastagné (2008), Ferréz (2005) Zibordi (2004), Schollhammer (2000; 2008; 2013), Brandão (2011; 2013), e Candido (1987; 2010). Para proceder à análise, metodologicamente esta pesquisa selecionou fragmentos retirados das obras supracitadas cujas temáticas fossem relacionadas à violência social. Observou-se também que esta representação se confirma nas vozes dos personagens em seu confronto com a imposição de manter-se à margem da sociedade. Como resultado desta pesquisa, a narrativa de Ferréz aponta que a violência faz parte da narrativa e influencia personagens, uma vez que, no momento em que o lugar do qual ele fala desloca os valores que elas compartilham. Finalmente, percebe-se que os diversos momentos dos escritores desta pesquisa definem a concepção da violência como meio de sobrevivência no contexto social em que *Manual Prático do ódio* está inserida.

Palavras-chave: Marginalizados. Violência social. Espaço.

ABSTRACT

The voices of the marginalized are heard with discomfort, as they show the reality rejected by the literate society. The excluded leave the field of representation and silence, having a voice in the literary narrative. Voice is that, before suppressed, it comes to access the speech through the literary discourse. With this, it is perceived that the marginal author is a witness of the experiences transported to the text a spectator of the arduous survival in the peripheries of the big cities. This paper aims to analyze the social violence represented in Ferréz 's Practical Handbook of Hate. In order to reach the proposed objective, the present research takes as theoretical assumptions Dalcastagné (2008), Ferréz (2005) Zibordi (2004); Schollhammer (2000; 2008; 2013) Brandão (2011; 2013); and Candido (1987, 2010). To carry out the analysis, methodologically, this research selected fragments from the aforementioned works whose themes were related to social violence. It was also observed that this representation is confirmed in the voices of the characters in their confrontation with the imposition of remaining on the margins of society. As a result of this research, Ferréz points out that violence is part of the narrative and influences characters, since at the moment the place from which he speaks shifts the values they share. Finally, it is noticed that the different moments of the writers of this research define the conception of violence as a means of survival in the social context in which Practical Handbook of hate is inserted.

Key words: Marginalized. Social violence. Space.

INTRODUÇÃO

A Literatura marginal surgiu com escritores que produzem artes de forma artesanal e fora do mercado editorial. Depois os escritores passaram a escrever livros com histórias que expressam o cotidiano de quem vive na periferia. Tem o intuito de acabar com o silêncio em que os marginalizados foram colocados. Os autores utilizam a literatura para externar a repulsa perante a situação dos moradores da periferia. Vários temas são abordados, por exemplo, denuncia amor, família, desemprego e criminalidade. Percebe-se um caráter testemunhal, nos quais é possível encontrar textos de natureza autobiográfica.

Os autores procuram retratar suas experiências na periferia denunciando suas mazelas e a marginalização destas pessoas. Ferréz, foi o responsável pela edição intitulada *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, nela foi reunida autores moradores das periferias. O presente trabalho tem o objetivo de analisar a representação da violência *Manual prático do ódio*, a partir da organização do espaço na obra supracitada e comparar as consequências nas representações da violência social nas personagens da obra supracitada. Procura-se apontar como o espaço influencia as personagens, uma vez que, no momento em que o lugar do qual ele fala desloca os valores que elas compartilham.

Com a leitura da obra *Manual prático do ódio* notou-se que o espaço influencia a manifestação da violência na obra. Deste modo, esta pesquisa será relevante para os estudos culturais em que a violência social for um ingrediente principal na obra. Esta pesquisa busca compreender essa realidade com apoio na Literatura marginal, nos estudos sobre espaço e violência social e, especificamente a contribuição proposta por Dalcastagné (2005; 2008). Para o estudo sociológico utilizaremos Candido (1987; 2011); Gomes (1999). O meio literário vem ganhando uma um aumento de obras de escritores que estavam à margem na sociedade, mas com uma reviravolta nos meios de publicação e divulgação fazem parte. Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz, é romancista, contista e rapper. Paulistano morador da favela Capão Redondo, bairro com grande índice de violência em São Paulo. Um dos grandes expoentes da vertente literária Literatura Marginal, vista como um espaço para escritores ficavam à margem ao cenário literário. É autor das obras *Fortaleza da Desilusão* (1997), *Capão Pecado* (2001), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Ninguém É Inocente* (2006), *Manual Prático do Ódio* (2014) e *Os Ricos Também Morrem* (2015). Criou

o 1DaSul, espaço em que é realizado eventos culturais voltados para a região de Capão Redondo. Participa do programa Manos e Minas. Organiza a revista Literatura Marginal que resultou na antologia Literatura Marginal: talentos da escrita periférica (2005). É cronista na revista Caros Amigos e lança a obra Cronista de um Tempo Ruim (2009).

O IMPACTO DA LITERATURA MARGINAL

Na segunda metade do século XX, surgiram textos que refletiam a vida dos marginalizados, por exemplo, *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins e *Capão pecado* (2000), de Ferréz dentre outros. Dando continuidade ao projeto de exhibir as produções das pessoas da periferia, Ferréz organizou três edições especiais, que acompanhava a revista *Caros Amigos*. A Literatura marginal é escrita por aqueles que foram colocados à margem da sociedade. Uma escrita que evidencia as experiências vividas nas periferias pelos autores que apresentam um vocabulário próprio. Os autores exibem uma vida dura dos moradores da comunidade, repleta de desigualdades e de tendência para o crime.

Schollhammer (2013) alega que “Na literatura brasileira se percebe uma presença do tema historicamente insistente, e a literatura certamente usa o imaginário despertado pela violência como matéria-prima.” (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 103). Assim, a violência é usada para dar um impacto na literatura trazendo uma sensibilidade ao leitor.

Dessa forma, percebe-se um encantamento por essas novas narrativas. As editoras passaram a publicar obras com essa temática, em busca de vozes com tais características marginais.

O autor ainda apregoa que:

...é por esse caminho que a chamada “cultura da periferia” começou a se impor sobre a literatura, apelando ao lado fortemente mercadológico e, simultaneamente, ao esforço genuíno de encontrar uma nova adequação entre a realidade social brasileira e novas linguagens expressivas. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.99).

Com a atenção em seus textos, esses escritores romperam o silêncio e falaram sobre as dificuldades que vivem. Colocando de lado os mediadores, que por muito tempo falavam

por eles e ocupando o espaço de fala. O autor nos apresenta duas realidades do meio marginalizado que são “representação midiática pasteurizada” e “problema de conteúdo e do “como” dar visibilidade a esse tipo de questão” (SCHOLLHAMMER, 2009,p.100)

De acordo como o Schollhammer (2009) a literatura marginal propõe:

outras matrizes e novos valores para a própria criação literária e artística, refletindo o desafio de encontrar experiências formais adequadas a esse conteúdo, lançando inclusive um olhar incisivo e crítico sobre as linguagens costumeiras da mídia e do mercado. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.101)

O autor explica que devemos entender que há um apelo comercial para o surgimento desta corrente literária, pois precisavam se enquadrar no campo muito disputado. Em seu artigo *Um território contestado*, Regina Dalcastagné afirma que a literatura brasileira sempre foi um espaço de poder, no qual escritores almejavam um lugar para consolidar seu texto afirmando sua validade. Veem ocorrendo um alvoroço no meio literário em virtude do surgimento de produções literárias de autores que não correspondem ao perfil de autor conhecido pela sociedade. Esta batalha por um lugar no campo tão disputado reflete a dificuldade em encontrar um espaço para transmitir sua literatura.

Esses espaços de exclusão, ocupado por escritores que fazem parte do modelo de literatura aceito pela sociedade. Este espaço começou a ser conquistado pelas novas abordagens literárias, textos que mostram a voz de autores excluídos do cenário literário brasileiro conforme esclarece Dalcastagné(s/d):

São essas vozes que se encontram nas margens do campo literário, essas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tencionam, com a sua presença, do que é (ou deve ser) o literário. (DALCASTAGNÉ, s/d p.16)

A pesquisadora explica que os critérios de valoração de obras, que fazem parte de um fluxo literário, podem romper ou serem reformulados conforme novas vozes vão surgindo no meio. Essas representações vêm de encontro a notáveis textos, com o intuito de ratificar a importância de suas produções literárias. Seus personagens são aqueles que eram colocados em segundo plano, os pobres da periferia, o malandro, a empregada, os negros dentre outros. Com o deslocamento do olhar para estes textos, autores marginalizados, reproduz esses personagens assumindo sua voz e sendo as personagens principais da história.

Para Dalcastagné (2005) os marginalizados possuem vozes que por muito tempo não foram enquadradas na literatura tradicional, vistas com certo incomodo por mostrar a realidade rejeitada pela sociedade letrada. Os excluídos deixam de estar no campo da representação, do silêncio e passa a ter voz na narrativa literária, à voz dos excluídos antes suprimida, agora com acesso a oportunidade de vez. Então, o local de fala garante um apoio para as produções literárias que estão surgindo o que pode prejudicar diversas obras vindas em áreas marginalizadas. Os locais de fala são na música, por exemplo, hip hop, o rap e o funk; na pintura tem-se o grafite; na literatura, produção de interesse desta pesquisa.

O escritor Ferréz é morador da favela Capão Redondo é um ativista no meio cultural da favela. Comanda o projeto social IdaSul, que tem o pressuposto de incentivar as iniciativas de moradores da periferia. O termo é relacionado a literatura marginal a ditadura militar, pois é um termo é usado há bastante tempo para designar idealizações fora do assentimento dos militares.

O ativista Ferréz em seu livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* versa sobre a discriminação por parte da sociedade com as obras de autores da periferia. O autor afirma que “Não somos o retrato, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FÉRREZ, 2005, p. 9) o posicionamento de fala mudou os ditos marginalizados tomaram vez para falar sua representação nas obras culturais.

Partindo desta discussão podemos trazer as contribuições Bourdieu para o texto gerando um intercâmbio entre uma das temáticas discutida neste trabalho qual seja: a abertura do campo literário e a inserção de escritores da periferia no meio da literatura consagrada. Em seu livro *As regras da arte* declara: “... o campo literário e artístico constitui-se como tal na e pela oposição a um mundo “burguês” que jamais afirmara de maneira tão brutal seus valores e sua pretensão de controlar os instrumentos de legitimação...” (BOURDIEU, 2002, p. 75).

Conforme Ferréz (2005), “Literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” (FÉRREZ, 2005, p.12). Como mostra o autor, uma escrita realizada pelos próprios

moradores da periferia. Sua escrita reflete a dificuldade do cotidiano e a marginalização imposta pela sociedade.

Os autores da Literatura marginal a cada dia vêm crescendo e se destacando na sociedade com sua escrita dura e fervorosa assim, como é a realidade calejada por eles. Com o intuito de confrontar a literatura tradicional ou só por um espaço para exprimir sua voz, eles denunciam suas dificuldades através de suas produções sem a preocupação de passar na língua normativa.

Ferréz organizou nas edições Revista Caros Amigos, edições especiais sobre os escritores da Literatura marginal, os anos 2001, 2002 e 2004. Com o intuito de divulgar as produções dos moradores de atuantes desta literatura, em seguida, em 2005, acarretou na publicação do livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*.

Essa transgressão mostra-se como único meio de saírem de seus lugares determinados pela sociedade letrada. Uma cultura para poucos, na qual grande parte quer usufruir mais são renegados. Como Ferréz postula “O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi visto por centenas de escritores marginalizados.” (FÉRREZ, 2005, p. 10) O pouco que estão conseguindo com esta pequena fissura no campo está causando um incomodo nos ditos propagadores da cultura.

O pesquisador Eslava (2004) argumenta que a Literatura marginal é uma forma de renunciar os preceitos da classe dominante.

literatura marginal é, fora de toda dúvida, a de abandonar as atitudes tradicionais do homem ilustrado frente aos fenômenos que desajustam sua própria visão e valores, isso que antes, num outro contexto histórico, se expressava em termos de conflito entre civilização e barbárie, para encontrar o que aqui poderia ser definido como princípio de indagação e hermenêutica. (ESLAVA, 2004.p.35)

Um exemplo é a escritora Carolina Maria de Jesus, habitadora da antiga favela Canindé, cidade de São Paulo, é um exemplo de escritora marginalizada que causou admiração no meio da grande Literatura por causa de seu livro *Quarto de despejo*, que conta a história de uma mulher catadora de lixo num ambiente miserável, mas que gerou perturbação com a beleza de suas obras. Muitos intelectuais e até hoje pessoas indaguem como uma moradora de favela e consegue chamar atenção até hoje dos leitores mais críticos.

O crítico Zibordi (2004) afirma que o autor desta corrente literária é uma testemunha das experiências transportadas para o texto, sendo um expectador da árdua sobrevivência nas periferias das grandes cidades. Em vista disso, seu propósito é trazer para as discussões literárias o escritor do texto marginal. Uma forma de sobreviver através dos textos, desnudando um vocabulário particular dos moradores das periferias. Como no exemplo dessa linguagem: “– Vai se fôde, o seu psicológico que é foda mesmo, mas aí o que posso te dá pela ideia?” (FÉRREZ, 2014, p.34) Percebemos a linguagem coloquial do Nego Duda no final da conversa com Régis, essa consideração reflete o prazer de mostrar sua vivência na favela, sem sentir constrangimento pelo lugar.

Conforme Ferréz (2005) “Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos tachar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e a mantemos”. (FERRÉZ, 2005, p 13). O autor demonstra interesse em conseguir um espaço, em que as vozes dos marginalizados possam ser escutadas, sem precisar disfarce ou da voz de algum escritor que não sofresse à margem como eles.

De acordo com Pellegrini (2004) em seu artigo *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*:

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como sendo um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. (PELLEGRINI, 2004, p.16)

Para Schollhammer (2000), os textos literários contemporâneos têm a cidade como cenário para a propagação de histórias, o autor com sua vivência urbana mostra uma compatibilidade com a narrativa por ter experiência na vida na periferia.

“a cidade oferece um cenário privilegiado para a procura literária de uma nova expressividade. A experiência urbana se dá simultaneamente como inscrita pela lógica estrutural da cidade como fator de controle dos conflitos sociais e como expressão visível deste caos que brota e se prolifera à margem da ordem. Este confronto se articula no nível da subjetividade do cidadão, onde se percebem os limites da liberdade de ação que o indivíduo experimenta diante da complexa realidade urbana. Mas também é na relação entre sujeito, como corpo sensível, e a cidade, como realidade estética, que um confronto e uma simbiose novos se concretizam. Na experiência crua frequentemente, penosa do urbano o

autor contemporâneo percebe uma redenção possível da cidade enquanto realidade humana. (SCHILLHAMMER, 2000, p 252)

Schollhammer (2000) levanta a discussão de que a cidade se torna contexto ideal para escritores que buscam novas histórias. O alvoroço da cidade que se manifestam nas periferias, no qual mescla com a sensação de uma linha divisória entre a periferia e a cidade.

Como constata Schollhammer (2008)

Quando estabelecemos uma relação entre a violência e as manifestações culturais e artísticas é para sugerir que a representação da violência manifesta uma tentativa viva na cultura brasileira de interpretar a realidade contemporânea e de se apropriar dela, artisticamente, de maneira mais “ real”, com o intuito de intervir nos processos culturais (SCHOLLHAMMER,2008, p.58)

A narração de Ferréz, *Manual Prático do ódio* nos mostra personagens que vivem na favela e tem que conviver com o desemprego, crime, fome e o preconceito. O espaço, muitas vezes, é propagador para um julgamento antecipado e inferiorizado. Com esta prática a variedades de textos são vistos com maus olhos, mas com a insistência de autores da periferia esses textos marginalizados, agora estão entrando no meio seletivo da Literatura Brasileira.

A obra supracitada conta a história de Régis, um dos protagonistas da narrativa, que junto com Lucio Fé, Celso Capeta, Aninha, Mágico e Neguinho tramam um assalto. A história de personagens que desnudam sonhos, amores, medos demonstrando as conspirações na periferia. Ferréz utiliza-se da difícil realidade das pessoas da comunidade, as mazelas sociais que caracterizam cada personagem e o caminho percorrido por eles. Desnudando aos olhos do leitor as muitas faces da violência. Ferréz mostra uma escrita mais forte, violenta com intenção de contar a miséria, a pobreza e a violência vivida pelas personagens. A narrativa mostra seis jovens criminosos que estão tramando um assalto que vai render muito dinheiro para os participantes do crime.

Como assegura Schollhammer (2000):

Poder-se-ia afirmar que a tendência brutalista na literatura brasileira se apóia na temática da violência sem nenhuma intenção de legitimar a crua

realidade dos submundos urbanos. Ao contrário, percebemos como esta narrativa, ao representar uma realidade inaceitável do ponto de vista ético e político, abre um diálogo com seu conteúdo desarticulado, permitindo assim, enxergar uma procura de comunicação abafada culturalmente. (Schollhammer, 2000, p. 257)

Constata-se que a Literatura marginal traz à tona sujeitos capazes de produzir literatura. Seu conhecimento é de quem viveu na favela, isso não diminui o texto, mas sim, o torna mais objetivo, convocando um novo olhar à leitura destes textos. Os espaços representados nessas narrativas contemporâneas poucos valorizados estão sendo tomados como cenários de vários livros. Um tema já retomado por vários escritores na história da Literatura e, percebe-se que se tornou frequente este tema nos textos literários.

Nas narrativas contemporâneas verifica-se uma escrita brutal em que o autor de primeira pessoa mostra o real de forma clara para o leitor diferente do autor de terceira pessoa que mantem uma distância. Para o Candido (1987) ocorre um “realismo feroz” nas narrativas, nas quais são escritas em primeira pessoa, pois levam o leitor para dentro do realismo no cotidiano da cidade.

Candido (2006) afirma que o elemento social é um fator utilizado pelo artista no desenvolvimento da obra, ou seja, um agente dentre outros relevantes para a estruturação da obra. Cenas da realidade representada na obra nos mostra a importância da relação literatura e sociedade na narrativa. O agente social, inicialmente externo, tornar-se importante para a obra segundo sua constituição. Os fatores externos passam de externos para internos.

Conforme a explicação de Candido (2006), os internos, a cidade passou de elemento externo para o interno, ou seja, um elemento social dentro da obra. Gomes (1999, p.20) aponta que representar a cidade é “querer alertar sobre sua atual condição, para a qual não há mais uma doutrina coerente para garantir a vida da cidade”, um ambiente em que a cada instante cresce e age sobre seus habitantes, mostrando um reflexo de desigualdades.

O autor tem o intuito de retratar suas experiências na periferia denunciando suas mazelas e a marginalização destas pessoas. Como afirma a pesquisadora Eliane Silveira em seu artigo *Manual prático do ódio: a ficção de um subalterno* (2003, p.33).

a ficção de Ferréz presta-se ao intuito da literatura marginal de tornar-se a expressão cultural dos subalternos, dotada de uma linguagem própria que proporciona aos seus escritores a possibilidade de representar, exaltar e denunciar a realidade de seu mundo como o faria qualquer autor inserido na tradição letrada. (SILVEIRA, 2003, p.33).

A Literatura marginal revela à existência de um lugar em que a sociedade quer deixar à margem para não mostrar as mazelas, a violência e o descaso que os moradores são submetidos. Além do Ferréz, esses espaços desvalorizados são vistos nas obras de Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins, Rubem Fonseca, Fernando Bonassi e dentre outros. Por mais que os espaços estejam em disputa, eles sempre serão dilatados, pois há um crescimento muito grande de textos literários.

A professora Dalcastagné (2007) argumenta que o campo literário, por muito tempo, foi tratado como um espaço que restringia determinados grupos sociais a participarem de seu cerne. Os autores desse campo constroem seus personagens conforme são seus espaços de vivência e ao abordarem as classes desfavorecidas é colocada em segundo plano na narrativa. Os escritores marginalizados propõem uma nova alternativa de produção, seus personagens são homens e mulheres, pobres, negras e entre outras características que os colocavam na posição de subalternidade na Alta Literatura. O escritor pode atuar de diversas formas, como adverte o esquema abaixo da professora Dalcastagné (2007, p.19).

(a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento- mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos. (DALCASTAGNÉ, 2007, p.19)

Com base no esquema, entende-se que o escritor pode seguir seu próprio caminho literário e quando faz de acordo com a letra “c”, ele transmite de forma laboriosa a realidade de muitos grupos. Percebe-se que o escritor que envereda por esse caminho é um sujeito

social ativo. São conscientes e se preocupam com as dificuldades desses marginalizados, debatem questões relacionados ao contexto social, literatura e educação.

Compreende-se que a violência e o espaço são a base para o desenvolvimento da trama. O espaço é disseminador da exclusão social dos moradores da favela. Destaca-se que a cidade é um espaço com grande interação entre as pessoas podendo ser violenta e discriminatória. A globalização trouxe um crescimento urbano e quem não se adequar era empurrado para a periferia, jogados para locais de miséria. A cidade contribui para a diversidade, mas também contribui para a desigualdade.

A cidade pode ser considerada um agente que contribui para a ocorrência da violência, dado que suas barreiras se tornam um desafio para seus moradores. Suas barreiras invisíveis mostram até onde os marginalizados podem chegar e conseqüentemente a miserabilidade destes são camuflados pelas autoridades.

Assim, o espaço citadino se apresenta para os marginalizados como um lugar de intolerância com difícil acesso. Onde o surgimento de qualquer disputa territorial pode chegar a embates mais violentos.

Para Gomes (1999) a cidade é um elemento notável nas obras contemporâneas e adversidades. A cidade transformou-se num espaço de violência, problemas causados pela deterioração do lugar e das convicções das pessoas que fazem parte. Assim, a violência se propaga com maior facilidade nesses espaços.

Ainda com o pesquisador, o escritor traz para o texto a representação de seu espaço, suas revoltas e resistência. O espaço social é marcado por exclusão, crimes e ódio. Um lugar que está repleto de desordem social, ou seja, as pessoas não estão aceitando a imposição da sociedade dominante. O espaço tornar-se agressivo e abominável, no qual para fugir dele os delinquentes recorrem ao crime. Revelar os sentidos e as mais variadas vozes que nela existem.

A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela

se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. (GOMES, s/a, p. 24)

Os pobres, sujeitos marginalizados, estão cada vez mais fazendo parte das narrativas contemporâneas, sendo protagonistas da obra. Pessoas que estão na parte da classe menos favorecida da sociedade, não usufruem de boas condições, não conseguem bons empregos. Moram em espaços sem saneamento básico, sem hospital de qualidade, educação e alimentação esses fatores caracterizam uma parcela da população a mais fragilizada e discriminada, os moradores da periferia.

Brandão (2013) em seu livro *Teorias do Espaço Literário* afirma que a periferia, conhecida como “fora” (BRANDÃO, 2013, p.40), está deixando de ser a periferia marginalizada para tornar-se um centro de cultura, uma vez que a cidade é um lugar de multiculturas. O autor afirma que “Na noção de periferia (que remonta à longa tradição, na história da humanidade, do gesto colonizador, o qual inclui os mais diversos métodos de espoliação) está imbricada a dimensão da distância.” (BRANDÃO, 2013, p.40) A ideia de periferia está atrelada por muito tempo a colonização e afastamento das pessoas que não estavam adequadas, conforme a classe dominante, para viver no centro.

O espaço social é visto como um disseminador de atuações, no qual podem ocorrer situações, violências social. Muitos trabalhos apresentam a perspectiva do espaço associado à violência. É investigado por diversas áreas do conhecimento, identificando sua ocorrência em outros temas, possui uma “vocação transdisciplinar” (BRANDÃO, 2007, p 207). Nossa análise nesse trabalho será na área da Teoria Literária.

Vários espaços sociais já foram representados nas narrativas brasileiras como foco de violência urbana, como por exemplo, as fazendas, mercados, centros, casas comerciais e favelas, foco desta pesquisa, na qual escritores tem se debruçado com mais frequências nesses espaços sociais. A favela é um bairro de periferia, espaços narrativos da obra, possuem várias faces que comprovam o direcionamento dos personagens para o crime e a culminância na morte. A personagem Régis, por exemplo, é um exemplo da influência que o espaço social exerce sobre o indivíduo, como é possível verificar a citação abaixo:

A patroa da mãe de Régis lhe disse uma coisa que ficou com ele todo esse tempo. E ele guarda como começo de sua revolta, como o começo de

todo o ódio que nutria por quem tinha o que ele sempre quis ter: dinheiro. Um dia, durante uma conversa entre a patroa e sua mãe, a patroa perguntou de que bairro eles eram, sua mãe disse o nome do bairro, a patroa passou a mão na cabeça do pequeno e disse: - Então é esse pivete que um dia vai crescer e vir roubar minha casa? (FÉRREZ, 2014, p.46)

Com esses episódios vivenciados pelo garoto que vão determinando seu caráter. O menino tem um sonho, ser rico para não repetir as situações, é com o crime que ele vê uma forma de sobrevivência. O espaço da obra de Ferréz é ocupado por outros personagens que dão legitimidade a ideia de que o espaço culmina para um encaminhamento para o crime propagado na obra. Outro personagem que sofre por não conseguir trabalho é o Nego Duda. Vendo seu pai, seu irmão pequeno e seu cachorro com fome o fazem sair e voltar dias depois com dinheiro e uma sacola de pão, na qual ele deixa uma parte com o cachorro e outra com seu pai. Com toda a raiva do sistema por não conseguir emprego ele picha o muro de sua casa. “Nego Duda pichou na parede de sua casa numa bela manhã de sábado: “É hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar”” (FÉRREZ, 2014, p. 43). A violência física, violência moral e violência psicológica são desenvolvidas durante toda a trama pelo narrador através dos personagens com o intuito de abrandar a situação dos crimes dos personagens.

Conforme Brandão (2007) “Espaço é sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que se atinge a totalidade da obra” (BRANDÃO, 2007,p.210). Desta forma ~~em~~ *Manual Prático do ódio* é um exemplo de uma obra multifacetada com personagens que estão atrelados à favela com objetivo de sair deste meio através de um roubo que os tirará da vida marginal.

O meio da favela é também cheio de falsas amizades, Régis é um exemplo da deslealdade. Nego Duda pede ajuda quanto um crime e como deve proceder, um homem veio ao Nego Duda pedindo que ele matasse um cara, mas sem saber como fazer porque não queria matar, só aceitou porque o dinheiro era bom foi falar com Régis. O conselho dado ao Nego Duda foi de que ele aceitasse o trabalho, cobrasse mais e matasse o solicitador do crime. No dia marcado com o contratante Nego Duda recebeu o dinheiro todo e logo

em seguida ele matou o rapaz. Quando Nego estava saindo do local deixando o cadáver, Régis aparece e mata Nego Duda.

Seu negócio era mesmo o dinheiro, ver o tombo de alguém morrer se isso lhe rendesse um qualquer, lembrava de todas as quedas das pessoas que tinha matado, muitos ele nem lembrava o rosto, mas os tombos ele guardava todos em sua memória, uns levantavam poeira, outros caíam secos, e o barulho ele achava bom. (FÉRREZ, 2004, p15).

O espaço é rodeado de interesses e o dinheiro tem mais valor que a amizade. Esta cena aponta que a favela também é um lugar de trapanças, uma selva, onde sobrevive o mais forte, o mais rápido que apesar de compartilharem da mesma situação, não são amigos.

A periferia tornou-se um lugar de diversas culturas, posto que a classe dominante se esforce para impedir que os moradores da favela participem desta cultura nacional. Com as modificações no espaço urbano e o afastamento dos marginalizados para a periferia a sociedade tenta impor uma cultura que deve ser seguida para serem aceitos no centro da cultura, mas os marginalizados que não estão mais obedecendo esta imposição querem gritar e mostrar que a periferia também tem cultura, todo o espaço da cidade transforma-se em num ambiente multicultural.

A violência na favela tornou-se recorrente, pois alguns personagens usam dela para resolver problemas, trazer alimento para casa. A linguagem coloquial, própria dos moradores da favela na narrativa, sendo uma forma de aproximar o leitor dos personagens e de denunciar o descaso com a periferia.

A recriação literária através de uma linguagem coloquial “chula” representava, ao mesmo tempo, a vontade de superar barreiras sociais da comunicação e imbuía a própria linguagem literária de uma nova vitalidade, superando o impasse do realismo tradicional diante da nova realidade urbana. (SCHOLLHAMMER, 2000, p 244)

Como pode-se observar na obra *Manual prático do ódio* “Nego Duda pichou na parede de sua casa numa bela manhã de sábado.” É hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar. “(FÉRREZ, 2014, p. 43). A revolta sendo explicitada em forma de pichamento no muro de sua casa, mas não podemos esquecer que a maior revolta é o

assalto. O personagem Nego Duda vê o desemprego com raiva e sua indignação aumenta quando sai à procura de emprego não encontra.

os percursos que essa literatura oferece levam à dramatização daquilo que frustra a ideia de cidade utópica – moderna, racional e funcional; já que não pressupõem apenas as teorias da ordem urbana, que não mais dão conta dessa cidade babélica, que se tornou, para a maioria de nós, paisagem inevitável, morada incerta (GOMES, 2000, p. 03).

A favela como um lugar de desequilíbrio no espaço, no entanto seus moradores, como no caso de Régis e Nego Duda, que ocorre um assassinato por motivo de dinheiro. Em outro momento, Régis como um mantenedor da ordem mata Adilsão porque este estava assassinando qualquer pessoa que lhe olhava diferente.

Régis tinha que resolver aquela parada, Adilsão já estava abusando na favela, com esta já eram duas vezes que ele matava um inocente, o último fora um menino de 13, estava curtindo o samba lá na Zona de Perigo como era o apelido do lava-rápido que virava ponto de encontro no final de semana. (FÉRREZ, 2014, 106)

Esta cena demonstra que de certa forma é preciso uma ordem no meio da criminalidade e apesar de ser um espaço de exclusão da sociedade a ordem que prevalece não é aquela dos policiais, mas sim as autoridades da favela, ou seja, os criminosos. Para Régis e Celso Capeta realizar o assassinato de Adilsão foi necessário que Aninha tirasse a mãe do assassino descontrolado de casa.

- Minha filha, eu sei que você me tirou de casa por um motivo, eu tô cansada dessa vida, não se preocupe, eu sei o que você tá fazendo...

- Mas dona Laura...

- Não me interrompa, filha, eu não sou boba, meu filho tá aprontando demais, hoje talvez as noites de briga, de bebedeira, drogas podem ter um fim.

Aninha olhou para os olhos daquela mãe, seus olhares se cruzaram, e ambas se abraçaram, mas somente uma chorou. (FÉRREZ, 2014, p. 109).

Dona Laura apesar de saber o que ia acontecer chorou nos braços de Aninha. A mãe entendia que o filho teria este fim desde que entrou para o mundo do crime. Esta mistura

de sossego e apreensão nos mostra como morar na favela requer uma força maior por ter que se subordinar para determinadas situações. Este trecho indica a consciência da moradora da favela, dona Laura, sobre o momento mais difícil, a morte do filho. Mas a senhora entende que é o único fim que pessoas como o filho poderia ter.

Para os marginalizados, a cidade tornar-se um espaço de sobrevivência que não importa de que maneira, o importante é sobreviver. O meio encontrado pelos marginalizados das obras mencionadas para o sustento é com a violência. A personagem Paulo, de Manual prático do ódio, não se entregou a violência na favela.

Ele odiava tudo isso, odiava viver naquele lugar, no mesmo que puxou seu pai para a cova e fez sua mãe fugir com o patrão e o abandonar ainda criança, mas sabia que o lugar tinha um ritmo, e ele outro, sabia que não devia entrar no ritmo do lugar e sim seguir o seu próprio. (FÉRREZ, 2014, p.77)

Os autores mostram que a vida marginal nas obras, corpus desta pesquisa, foi uma escolha por muitos dos personagens, dado que nenhum deles foram empurrados pela situação. Régis escolheu seguir na vida criminosa como resistência a imposição de viver na miserabilidade da favela. Para o personagem Régis, é perceptível o aborrecimento dos moradores do centro quando se trata da favela.

A marginalização do espaço contribuiu para a entrada de alguns personagens no mundo crime. Ferréz deixa claro que os personagens entraram para a vida criminosa somente por dinheiro e como é visto nas obras como forma de ganhar dinheiro e sair dessa vida de desigualdades.

Régis estava impaciente, estacionou o carro que pegou emprestado com o Mágico embaixo de uma árvore, o lugar era bem movimentado, os carros ao lado do seu talvez sejam deles, ninguém os distingue das pessoas tidas como normais, para ele são todos desgraçados, pagando cada um a seu jeito o preço de suas vidas tidas como normais, donos de lojas, banqueiros, doutores, sobreviventes às custas das misérias alheias, tomam os vinte por cento da dona que precisa tanto daquele dinheiro [...] (FÉRREZ, 2014, p. 154)

No excerto acima se verifica a indignação de Régis com a sociedade, contra o Estado, o personagem reforça que os delinquentes se transformaram em marginais por quererem

objetos de valor, melhor condição de vida e não tem como, salvo a criminalidade. Para ele o cenário de desigualdade é difundido através do determinismo do espaço. Há casos que o determinismo não ocorre, pois, mesmo morando na favela não se deixam levar para o lado do crime, por exemplo Paulo e José Antonio. O narrador quer nos passar uma realidade da periferia urbana um espaço cheio de ódio, vingança, crimes e resistência.

Lúcio Fé só estava a observar, entraram dois passageiros no lotação, o cobrador já começou tirando, oferecendo lugar pra eles sentarem, eles quiseram ficar de pé aparentemente para não amarrotar os ternos, mais à frente desceram e o cobrador desabafou pra todo o lotação: - Ta vendo esses jão aí? Num quiseram sentar não ó! Vai sujar o terninho, mas sabe o que eles vão fazer hoje? Estacionar carro de rico a noite toda, e fica dando um de advogado, esses jão, viu! É jão de Manejão, lá no Rio todo mundo fala Mané, aqui é jão. (FÉRREZ, 2014, p. 51)

A intolerância dos passageiros é refletida no simples fato de pegar o ônibus. Apesar de usar o mesmo ônibus que os moradores da favela usam, não quiseram sentar. Para o cobrador foi porque não querer sujar a roupa no ônibus. Para Diniz e Batella “[...] crimes não ocorrem no vácuo, mas sim em contextos espaciais concretos, dotados de atributos específicos que favorecem, em boa medida, a ocorrência dos mesmos” (DINIZ & BATELLA, 2006, p. 55-56). Os espaços propícios para a proliferação da criminalização são cultivados peço centro, a partir do momento em que coloca uma barreira invisível entre a cidade e a favela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores retratam suas experiências na periferia denunciando suas mazelas e a marginalização destas pessoas. A Literatura Marginal é escrita por aqueles que foram colocados á margem da sociedade. É uma escrita que evidencia as experiências vividas nas periferias pelos autores que apresentam um vocabulário próprio. Os autores exibem uma vida dura para os moradores da comunidade, repleta de desigualdades e de uma tendência para o crime. Os textos literários de autores vistos como marginalizados confirmam que um dos objetivos é a denúncia das mazelas e o descaso das autoridades com a periferia. Assim, textos de resistência à imposição da Alta Literatura. Os moradores da favela estão na categoria de novas produções da Literatura contemporânea. O espaço desenvolvido na narrativa culmina para o crescimento da violência pelos criminosos da obra. É voltando à

atenção dos escritores consagrados que podem mostrar a representação da favela nas obras dos escritores marginalizados.

A classe dominante que tinha nas mãos o poder de deixar determinadas obras circular no meio literário e nas academias, não conseguiu segurar a barreira e aos poucos foi se rompendo e autores marginalizados adentraram-se e fincaram suas vozes. O escritor Ferréz, apesar de ser da favela, ser discriminado, conseguiu que seus livros ganhassem visibilidade pela crítica e pelos mais diversos leitores, através de livros que mostrasse de forma literária periferia da cidade de São Paulo.

Os marginalizados são empurrados para espaços decadentes como forma de limpar os lugares visitados pela minoria, desse modo vai contribuindo para a segregação espacial. Diversos fatores contribuem para esta marginalização, por exemplo, falta de educação, falta políticas públicas, dentre outros. Com o crescimento da cidade este contexto está cada vez mais se ampliando.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Luiz Alberto. **Espaço literário e suas expansões**. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397>. Acessado em: 15 de jul.2017.

CANDIDO, Antonio. “A nova narrativa”. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, pp. 212-13.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política”. In: Pereira et alii (org.). **Linguagens da Violência**.

DALCASTAGNÉ, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n° 26, Brasília, jul.-dez. 2005 p. 13-71. Acessado em: 15 fev. 2017.

_____. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DINIZ, A. M. A. & BATELLA, W. B. 2006. Abordagens espaciais no estudo da criminalidade violenta nas cidades médias mineiras. In: Simpósio Internacional sobre Cidades Médias, Uberlândia. Anais, Uberlândia, p. 1-13.

ESLAVA, Fernando. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 35-51.

FERRÉZ. **Literatura marginal talentos da escrita periférica**, Rio de Janeiro, Agir, 2005.

_____. **Manual prático do ódio**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

GOMES, R. C. **A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema**.

Disponível em: <www.revistaipotesi.ufjf.br>. Acessado em: 26 de jun. de 2017.

PELLEGRINI, Tânia. “As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea”. In: **Despropósitos: ensaios de ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

SCHOLHAMER, Karl Eric. “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira”. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. “Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo”. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Ed. Horizonte, 2008.

_____. “Linguagens contemporâneas da violência”. In: **Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

SOUZA, Renato de. **O ‘caso Ferréz’: um estudo sobre a nova literatura marginal**. 2010. 173 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94076>>.

PELLEGRINI, Tânia. “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 15-34.

ZIBORDI, Marcos. Literatura marginal em revista. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília: 24: 69-88, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2155>. Acessado em: 18 de fev. 2017.

Recebido em 12 de Fevereiro de 2018

Aceito em 14 de Setembro de 2018